

QUALQUER SEMELHANÇA NÃO É MERA COINCIDÊNCIA: AS CANDIDATURAS DAS COPAS DO MUNDO BRICS EM PERSPECTIVA TRANSNACIONAL

ANY SIMILARITY IS NOT MERELY COINCIDENCE: THE BRICS WORLD CUP CANDIDATURES IN TRANSNATIONAL PERSPECTIVE

Raul de Paiva Oliveira Castro
Universidade Federal do Rio de Janeiro
raulcastro13@hotmail.com

Euclides de Freitas Couto
Universidade Federal de São João del-Rei
euclides@ufsj.edu.br

Resumo: O período recente no qual os países emergentes receberam a Copa do Mundo de futebol masculino da FIFA confundiu-se com o da própria criação e solidificação dos BRICS. A África do Sul tornou-se o primeiro país africano a realizar o evento. O Brasil aproveitou-se da onda de otimismo econômico dos governos petistas para buscar mais destaque internacional. A Rússia almejava reafirmar-se como uma potência global e encontrou amparo no seu presidente Vladimir Putin. Logo, nosso principal objetivo foi comparar a preparação dos Mundiais de 2010, 2014 e 2018. Investigamos as propostas de candidaturas e as pesquisas de opinião pública, utilizando-se de fontes consultadas pessoalmente nos arquivos da FIFA, em Zurique. De um lado, os organizadores locais alegavam que as competições serviriam como catalisadoras de investimentos. Por sua vez, a FIFA usufruía de todas as benesses possíveis e as escolhas nada transparentes facilitavam a reprodução de capital em favor dos seus dirigentes e parceiros.

Palavras-chave: FIFA; BRICS; megaeventos esportivos.

Abstract: The recent period in which emerging countries hosted the FIFA men's World Cup was confused with the creation and solidification of the BRICS. South Africa became the first African country to hold the event. Brazil took advantage of the wave of economic optimism from PT governments to seek greater international prominence. Russia wanted to reassert itself as a global power and found support in its president Vladimir Putin. Therefore, our main objective was to compare the preparation of the 2010, 2014 and 2018 World Cups. We investigated the candidacy proposals and public opinion polls, using sources consulted personally in the FIFA archives in Zurich. On the one hand, local organizers claimed that the competitions would serve as a catalyst for investment. In turn, FIFA enjoyed all the benefits possible and the non-transparent choices facilitated the reproduction of capital in favor of its managers and partners.

Keywords: FIFA; BRICS; sports mega-events

Atualmente, a Copa do Mundo de futebol masculino da FIFA é considerada um megaevento esportivo, principalmente devido à dificuldade de precisar o seu verdadeiro período de duração, que extrapola os limites do torneio propriamente dito, seja antes ou depois da sua realização. Os Mundiais ampliam a cada edição o número de espectadores, ávidos para acompanhar um espetáculo inserido na economia de mercado ascendente e globalizada. Nas palavras de Guy Debord (1997): “O mundo presente e ausente que o espetáculo **faz ver** é o mundo da mercadoria dominando tudo o que é vivido” (DEBORD, 1997, p. 28, grifo do autor).

O espetáculo chamado Copa do Mundo de futebol masculino da FIFA necessita de uma infraestrutura gigantesca para acontecer (essencialmente, intervenção nas cidades-sede) e mobiliza recursos astronômicos dos países envolvidos (MARICATO, 2014). A fim de obter financiamentos públicos para eventos privados, a entidade máxima do futebol mundial recorre a uma série de discursos encabeçados por seus dirigentes, utilizando-se da estratégia conhecida nas relações internacionais como *soft power*¹ (NYE, 2004).

A partir do exposto, entendemos que o termo preparação é demasiado abrangente e importante para limitar-se apenas aos meses que antecedem o campeonato, quando emerge na mídia o chamado “clima de Copa”. Isso porque as exigências atuais da FIFA vão muito além da mera preocupação em ter estádios adequados para as partidas do torneio futebolístico. À vista disso, tentamos abarcar aqui o máximo possível dessa atmosfera pré-Mundial, pensada através da apresentação das propostas de candidatura e formulação de pesquisas de interesse.

Recentemente, não houve melhores territórios a serem instalados canteiros

¹ De início, podemos dizer que Nye se insere no debate da busca pelo entendimento do equilíbrio de poder pós-Guerra Fria. Até essa época, os estudos internacionais acreditavam que o poder de um país se baseava na sua capacidade econômica e militar de guerrear, utilizando-se diretamente da ameaça e da coerção (*hard power*). No sentido oposto a esse poder duro, o *soft power* (poder brando) configura-se numa influência indireta, marcada pela habilidade de moldar os interesses dos outros, atraindo-os pelo exemplo (cultura, valores políticos e política externa). Depois, Nye apontaria que a combinação do *soft power* com uma utilização criteriosa do *hard power* resultaria no chamado *smart power* (poder inteligente). É preciso salientar que no primeiro capítulo desta tese explicaremos melhor esses importantes conceitos cunhados pelo cientista político estadunidense Joseph Nye, a fim de compreendermos a recente aproximação da FIFA com os BRICS. Apenas a título introdutório, enxergamos o poder exercido pela FIFA na cooptação dos países que sediaram os megaeventos esportivos no sentido do *soft power*, fazendo valer a sua posição de autoridade como instituição máxima do futebol mundial.

de obras do que nos países em desenvolvimento, como aqueles pertencentes ao bloco econômico denominado BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). Coincidentemente, o acrônimo BRICS aproxima-se da palavra *brick*, que significa “tijolo” em inglês. Nome bastante sugestivo para designar um agrupamento que se baseia, sobretudo, no investimento em infraestrutura dos seus respectivos países.

Na intenção de coordenar reuniões e construir uma agenda de cooperação multissetorial, o bloco se alargou e se solidificou ao longo dos anos. Com isso, seu crescente poderio de economias em desenvolvimento e caráter de países grandes e populosos tem influenciado uma alteração na geopolítica global, por meio dos princípios da não interferência, igualdade e benefício mútuo. Já é possível perceber o impacto de muitas ações dos BRICS, como o fortalecimento dos bancos de desenvolvimento e as parcerias comerciais em diversos setores, ainda que haja muito a ser feito.

É notória a similaridade dos Estados escolhidos em sequência como sede dos últimos Mundiais: África do Sul, Brasil e Rússia. Isto é, são locais pouco transparentes onde as políticas públicas possuem históricos de irregularidades e a FIFA pôde usufruir de todas as benesses tributárias possíveis. Na fala de um ex-dirigente da entidade, ainda durante a Copa do Mundo de 2014, ficaram evidentes esses interesses obscuros:

“Menos democracia ajudaria na organização da Copa”. A frase infeliz, de autoria de Jérôme Valcke, secretário-geral da FIFA, circulou em jornais e redes sociais, alimentando críticos da organização do evento no Brasil e da própria entidade máxima do futebol no mundo. Admitir a preferência por “chefes de Estado fortes”, como o presidente russo Vladimir Putin, acabou por oferecer munição aos críticos que veem na escolha de países como África do Sul, Brasil, Rússia e Catar uma estratégia para levar seus negócios a lugares menos transparentes. Para piorar, o desastrado francês acabou colocando o governo brasileiro em uma situação, no mínimo, desconfortável. Afinal, ninguém precisa ser especialista em Brasil para perceber que os atrasos e os (im)previstos para a Copa não são resultado de muita democracia (GARCIA, 2014, p. 17).

Vale a pena salientar que, até o fim do século XX, somente as Américas e a Europa tiveram o privilégio de sediar a Copa do Mundo desde as suas origens, em 1930. Entendemos, porém, que a estratégia de levar o torneio para outros

continentes foi uma decisão política bem articulada pelo presidente Joseph Blatter, tendo em vista a possibilidade de obter mais votos em diversas confederações e federações historicamente relegadas a um segundo plano.

Assim, durante o 52º Congresso Ordinário da FIFA, realizado nos dias 04 e 05 de agosto de 2000, em Zurique, o *Comitê Executivo* anunciou oficialmente a chamada “política de rotação dos continentes”. Segunda a referida proposta, os Mundiais deveriam se alternar entre as confederações, de modo a difundir o futebol pelo mundo. De acordo com a ata do referido Congresso: “A respeito do evento mais importante da FIFA, a Copa do Mundo, o presidente da FIFA informou que o *Comitê Executivo* decidiu introduzir o sistema de rotação do evento pelas confederações. O Congresso aprovou essa decisão com uma calorosa salva de palmas”. (FIFA, 2000, p. 11).

Portanto, pretendemos demonstrar quais foram as ferramentas mobilizadas pelos *Comitês Organizadores Locais* na intenção de vencerem a disputa em torno da Copa do Mundo de futebol masculino. Para tal, foi preciso convencer a FIFA de que estavam preparados para receberem o megaevento esportivo. Em virtude das limitações desse artigo não abordaremos as críticas feitas ao não cumprimento de todas as propostas de candidatura.

De forma preliminar, podemos dizer que as campanhas enfrentaram desafios diferentes. Enquanto a África do Sul e a Rússia tiveram verdadeiramente concorrentes nas suas disputas, o Brasil despontou como candidato único. Entendemos, assim, que sair vencedor da concorrência com outros países já demonstrava um sinal de fortaleza, tendo em vista que se tratava do reconhecimento de uma boa gestão organizativa da candidatura. Veremos, depois, como isso aconteceu na prática, através da análise de cada um dos postulantes ao Mundial.

Por uma história transnacional dos megaeventos esportivos

O nosso estudo encontra-se situado na perspectiva do tempo presente. Acreditamos que a velocidade transformadora do mundo em que vivemos contribuiu para o retorno do acontecimento na historiografia (CARR, 1982). Isso

posto, entendemos que os megaeventos esportivos correspondem a momentos ímpares para um exercício de comparativismo teórico-metodológico através do prisma transnacional. Afinal, tratam-se de abordagens relativamente carentes nas pesquisas sobre futebol, acostumadas a estabelecerem recortes nacionais quando se discutem as Copas do Mundo.

Podemos esquematizar a nossa metodologia comparativa da seguinte forma: a escala de observação foi a da rede de relações internacionais, visto que a atuação da FIFA desconhece fronteiras. Depois, escolhemos objetos ligados a “sociedades contíguas” temporalmente, pertencentes ao século XXI. E, mesmo sendo países muito distantes espacialmente, todos guardavam características comuns nas suas formações históricas autoritárias e no atual patamar de nações “emergentes”.

Mais do que isso, o argumento central de nossa análise reside no fato de que os dirigentes-FIFA foram os protagonistas das inúmeras transações político-econômicas percebidas entre África do Sul, Brasil e Rússia durante o ciclo dos megaeventos esportivos. Por isso, trabalhamos com a noção de *ação social*² (WEBER, 2016) desses sujeitos, isto é, havia uma intencionalidade de certos agentes dentro da estrutura organizacional da FIFA que permitiu a passagem do futebol aristocrático para *commodity*. Interessou-nos, pois, verificar a participação desses personagens ao longo do tempo em vários ambientes e as alterações de sentido desse processo, buscando apontar as falhas de comparação.

A partir do exposto, essa pesquisa possui relevância científica, na medida em que preenche lacunas do conhecimento. O próprio professor Victor Melo e outros autores já apontaram que, dentre as potencialidades existentes, o entendimento sobre a maneira pela qual a prática esportiva é mobilizada no âmbito das relações internacionais deve ser encarada como uma “das mais promissoras possibilidades de estudo da história do esporte” (MELO; DRUMOND; FORTES; SANTOS, 2013, p. 74). Ademais, organizações como a FIFA demandam cada vez mais novas pesquisas, tanto quantitativa quanto qualitativamente.

² Em linhas gerais, podemos dizer que a *ação social* acontece no meio em que os sujeitos vivem, possui uma intencionalidade e um sentido próprios e se orienta pelas ações dos outros indivíduos. No caso dos dirigentes-FIFA, entendemos que a ação se definiu racionalmente com relação a determinados fins, qual seja, a realização dos megaeventos esportivos.

Nesse ponto específico, vale a pena falar dos desafios que se colocam para o historiador do esporte. É importante lembrar que estamos lidando com uma das manifestações culturais contemporâneas mais influentes e presentes em países diferentes. É provável que seja uma das práticas sociais mais fortes no que se refere à transnacionalidade, onde se destacam seus eventos mais conhecidos (os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de Futebol) e duas de suas entidades organizativas (a Federação Internacional de Futebol e o Comitê Olímpico Internacional, ambas com mais membros que a Organização das Nações Unidas). Assim sendo, **desde o início parece que uma abordagem histórica transnacional pode se apresentar como fértil perspectiva para as investigações relacionadas ao objeto** (MELO, 2007, p. 13, grifo nosso).

Ao surgir em função da necessidade de fugir da velha história política do século XIX, pautada nas amarras nacionais, o estudo comparativo visava ampliar o seu escopo de investigação, conforme tentamos fazer em nossa pesquisa. Por isso é de suma importância pensar em uma história transnacional durante os megaeventos esportivos, pautada na tensão entre os Estados nacionais e as instituições supranacionais (como a FIFA, por exemplo). De acordo com Barros (2014), há uma

Necessidade de modalidades historiográficas mais globalizadoras, superando os antigos limites nacionais na direção com que sonhava Marc Bloch no primeiro pós-guerra. Afinal, se o mundo começa a ser repensado também nos termos de grupos maiores de países, constituintes de conjuntos formadores de novas identidades, é preciso que os historiadores também ofereçam alternativas historiográficas voltadas para estas novas identidades transnacionais (BARROS, 2014, p. 85).

Dada a recente inserção dos BRICS no circuito internacional de grandes eventos, tornaram-se importantes os conflitos envolvendo atores que ainda foram pouco explorados, caso dos dirigentes-FIFA. Por mais sutis que pareçam, mobilizaram-se interesses obscuros e implicações simbólicas, que merecem um olhar mais atento dos pesquisadores do esporte. Dito de outra forma, tratam-se de assuntos ligados à história política do esporte que ainda carecem de uma investigação mais aprofundada.

A esse respeito, acreditamos que para entendermos melhor o grau de

influência geopolítica da FIFA atualmente, cada vez “mais comparações intracontinentais são necessárias” (VANPLEW, 2013, p. 13). E enxergamos na história transnacional, em virtude dos seus objetivos fundamentais, a ferramenta mais adequada para navegarmos além das fronteiras dos Estados nacionais modernos. Conforme a fala de uma das expoentes dessa abordagem, Micol Seigel (2005):

Visto que argumento a favor de uma faixa particular de história transnacional, vou oferecer uma definição de trabalho, entendendo que as concepções de história transnacional variam. Minha impressão é que o termo foi cunhado para distinguir esse campo da história internacional, o estudo dos estados-nações interagindo como tal. A história transnacional examina unidades que se espalham e se infiltram nas fronteiras nacionais, unidades maiores e menores do que o estado-nação. Modelos internacionais orientaram a história diplomática, a história militar e campos relacionados; seu enfoque estatal prova-se menos atraente para historiadores de assuntos não-elites, o que em parte explica a adoção do método transnacional por historiadores sociais e culturais. A história transnacional não cobre simplesmente mais terreno; não é equivalente à história mundial - historiadores mundiais, como todo mundo, ainda devem escolher entre as abordagens transnacionais e internacionais. De fato, alguns adeptos do método transnacional tratam fenômenos que se enquadram em um único conjunto de fronteiras nacionais, revelando os traços do global no local. Talvez o cerne da história transnacional seja o desafio que ela representa para a preeminência hermenêutica das nações. Sem perder de vista as “forças potentes” em que as nações se tornaram, entende-as como “frágeis, construídas, imaginadas”. A história transnacional trata a nação como uma entre as várias gamas de fenômenos sociais a serem estudados, ao invés da estrutura do próprio estudo (SEIGEL, 2005, p. 63, tradução nossa).³

³ Cf. texto original: “*Since I argue in favor of a particular stripe of transnational history, I will offer a working definition, understanding that conceptions of transnational history vary. My sense is that the term was coined to distinguish this field from international history, the study of nation-states interacting as such. Transnational history examines units that spill over and seep through national borders, units both greater and smaller than the nation-state. International models have guided diplomatic history, military history, and related fields; their state focus proves less compelling for historians of nonelite subjects, which in part explains the embrace of transnational method by social and cultural historians. Transnational history does not simply cover more ground; it is not equivalent to world history—world historians, like everybody else, must still choose between transnational and international approaches. Indeed, some adepts of transnational method treat phenomena that fall within a single set of national borders, revealing the traces of the global in the local. Perhaps the core of transnational history is the challenge it poses to the hermeneutic preeminence of nations. Without losing sight of the “potent forces” nations have become, it understands them as “fragile, constructed, imagined.”⁴ Transnational history treats the nation as one among a range of social phenomena to be studied, rather than the frame of the study itself.*”

Trata-se, pois, de um esforço crucial para construirmos uma história que suplante os organismos nacionais, “frágeis, construídos, imaginados”, haja visto que nossa sociedade atual tem sido marcada por uma intensa globalização e derrubada de fronteiras. Porém, conforme a autora salienta, a história transnacional não se confunde com a história internacional, pois podemos perceber muitos “traços do global no local”.

Acreditamos, então, que as Copas do Mundo, eventos já bastante estudados pela historiografia do esporte enquanto legitimadores do poder dos Estados-nações e fomentadores das identidades nacionais vêm sofrendo profundas alterações no mundo globalizado atual. Graças à difusão do recente *padrão FIFA* de mercantilização e militarização, entendemos que o Mundial está se “transnacionalizando” e tornando-se cada vez mais cosmopolita. A título de exemplo, vale lembrar que a edição de 2026 contará pela primeira vez com três países-sede: Canadá, Estados Unidos e México.

Assim, a partir das experiências em países emergentes, a organização do torneio vem adotando um modelo que promove o “desenraizamento dos povos”, ao invés de contribuir para o reforço dos nacionalismos. A fim de comprovar tal hipótese, vimos como esses propósitos da entidade máxima do futebol foram recebidos, (re)adaptados e (re)apropriados de formas diferentes na África do Sul, Brasil e Rússia.

Dessa forma, percebemos a existência de uma nova cultura política da FIFA na gestão dos megaeventos esportivos. Ainda que cada país-sede, de acordo com seus interesses, tenha promovido adaptações no processo de organização das Copas do Mundo, sabemos que há uma certa padronização no tocante ao *modus operandi* imposto pelo *Caderno de Encargos da FIFA*.

Quanto às fontes utilizadas para mapear a preparação de cada um dos torneios, inicialmente é preciso dizer que variaram em termos de conteúdo, forma e quantidade. Nem sempre foi possível encontrarmos exatamente os mesmos documentos correspondentes para todos os Mundiais, fato que, a nosso ver, não inviabilizou a análise comparativa. Pelo contrário, permitiu-nos acessar uma maior gama de textos em perspectiva, enxergar as singularidades locais e apontar as

falhas na comparação. Procuramos, na medida do possível, equilibrar a escrita comparativa das etapas supracitadas relativamente aos três países em questão: África do Sul, Brasil e Rússia.

Especificamente para os casos da África do Sul e da Rússia, tivemos acesso nos arquivos da FIFA aos *Livros de Candidatura (bids)* elaborados pelos *Comitês Locais*, enquanto o brasileiro não estava disponibilizado. Na intenção de superar essa lacuna tão cara à nossa investigação, vasculhamos os documentos disponíveis no site do *Ministério do Esporte* do Brasil e servimo-nos de variados textos do *Comitê Local* que mais se aproximavam dos *Livros de Candidatura*. Entretanto, nem sempre essa comparação tripla mostrou-se realmente possível, em função da ausência de fontes precisamente correlatas. Obviamente é impossível contemplar todos os detalhes que envolveram esse período, de sorte que a documentação consultada nos *Arquivos da FIFA* indicou-nos o melhor caminho a seguir.

Em síntese, esperamos contribuir para uma discussão mais aprofundada sobre os meandros que envolveram a acirrada disputa em torno dos últimos megaeventos esportivos. De um lado, a FIFA seduziu os candidatos com sua marca atrativa chamada “Copa do Mundo”, analisou os possíveis concorrentes e fiscalizou atentamente o cumprimento das exigências. Do outro, os BRICS apresentaram suas qualidades e ferramentas, utilizaram variadas estratégias de convencimento e fizeram promessas muitas vezes difíceis de serem atingidas. A isca foi lançada pela FIFA e os BRICS fisgaram-na. Nossa função, por enquanto, é mostrar os bastidores dessa pescaria.

África do Sul 2010

Após a decisão sobre a “política de rotação dos continentes”, o *Comitê de Candidatura Local da África do Sul* publicou, ainda no ano 2000, o documento intitulado *O estágio da África: a candidatura da África do Sul para sediar a Copa do Mundo FIFA 2010* (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000). Somente em março de 2001 decidiu-se que a África seria o primeiro continente contemplado pelo revezamento (o que foi homologado em julho, no Congresso Extraordinário em Buenos Aires). Ou seja, conclui-se que antes mesmo da confirmação oficial pela

FIFA e do envio de circulares-convite às federações africanas, os sul-africanos já estavam se mobilizando para uma possível candidatura.

A princípio, comentaremos os discursos de quatro lideranças sul-africanas: i) Molefi Oliphant, presidente da *Federação Sul-africana de Futebol* (SAFA); ii) Irvin Khoza, coordenador do *Comitê de Candidatura*; iii) Danny Jordaan, diretor executivo (CEO); iv) Thabo Mbeki, presidente da República da África do Sul. É sabido que outras falas importantes também foram usadas na campanha, tais como a de Desmond Tutu, arcebispo emérito do país, e Nelson Mandela, ex-presidente da África do Sul, ambos vencedores do Prêmio Nobel da Paz, respectivamente em 1984 e 1993. Porém, preferimos nos ater aos personagens diretamente envolvidos na construção do projeto de candidatura.

Logo no início, encontramos as boas-vindas do presidente da *Federação Sul-africana de Futebol*, Molefi Oliphant, que apresentou um histórico da criação da Associação e elencou brevemente os objetivos do país ao pretender receber o Mundial. Fundada em Joanesburgo, no ano de 1991, a SAFA orgulha-se de ter sido o resultado de um longo processo na busca pela unidade esportiva, após um passado marcado pela divisão racial estabelecida com o *apartheid*⁴ nas leis do país. Readmitida como membro associado da FIFA em 1992, a Federação tinha como principal missão mostrar ao mundo que os sul-africanos eram capazes de competir com os melhores. E isso foi possível graças à participação da *Seleção Sul-africana de Futebol* nas Copas de 1998 e 2002 (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000).

No entanto, em “uma nação de fanáticos por futebol” (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000, p. 4, tradução nossa)⁵ não bastava ser coadjuvante nesse espetáculo. Sendo assim, foram estabelecidas algumas metas pela SAFA, que

⁴ Grosso modo, podemos dizer que o *apartheid* (separação) foi uma política de segregação racial implementada oficialmente na África do Sul em 1948 pelo primeiro-ministro do *Partido Nacional*, Daniel Malan, e que durou até 1994, quando Nelson Mandela, do *Congresso Nacional Africano* (ANC), foi eleito democraticamente e colocou fim ao regime. Durante esse período, os direitos básicos da maioria da população negra (moradia, saúde, educação etc.) foram cerceados por uma minoria branca que estava no poder. O resultado disso internamente foi o surgimento de movimentos de resistência e o recrudescimento da violência estatal. No cenário internacional, a África do Sul sofreu vários embargos econômicos e, no caso específico do esporte, foi banida pelo COI e pela FIFA das suas competições.

⁵ Cf. texto original: “[...] a nation of soccer-loving fanatics”.

incluíam: i) promover e facilitar o desenvolvimento do futebol por meio de infraestruturas sustentáveis e iniciativas de treinamento; ii) estabelecer uma parceria com o governo para buscar o reconhecimento do futebol como um ativo nacional; iii) contribuir para a ascendência e liderança da África no mundo do futebol, através da hospedagem de megaeventos (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000).

Quanto a este último ponto, considerado o mais importante, acreditava-se que a realização do Mundial em solo africano seria a concretização de um sonho. Nas palavras de Oliphant: “[...] para que possamos gerar nossas próprias memórias de uma Copa do Mundo se desenrolando em nossos estádios, para que nossos jovens se inspirem ao ver os melhores jogadores do mundo atuando sob um sol africano” (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000, p. 4, tradução nossa).⁶

O discurso do presidente da *Federação Sul-africana de Futebol* terminava com a garantia de estarem preparados para oferecer não somente aos atletas, mas também aos funcionários, torcedores e à mídia, a melhor hospitalidade africana e o melhor espetáculo a ser assistido pelo mundo inteiro. Em suma: “Nós temos o país e a capacidade de apresentar a mais memorável Copa do Mundo já encenada, e a primeira na África. A África do Sul está pronta!” (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000, p. 4, tradução nossa).⁷

Nessa mesma linha de raciocínio, o coordenador do *Comitê de Candidatura* para a Copa do Mundo de 2010 na África do Sul e vice-presidente da SAFA, Irvin Khoza, trouxe as suas saudações ao mundo do futebol e apresentou os predicados da oferta sul-africana. Inicialmente, ele relembrou o desapontamento causado pela derrota na disputa do Mundial de 2006, por apenas um voto, e o modo como esse acontecimento foi encarado (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000).

Segundo Khoza, isso fez com que os sul-africanos entrassem ainda mais fortes no próximo certame, pois “onde o humor popular em muitos países ao redor do mundo muitas vezes se inclina para a apatia e o cinismo, os sul-africanos

⁶ Cf. texto original: “[...] so that we will be able to generate our own memories of a World Cup unfolding in our stadiums, that our youth will be inspired by seeing the world’s finest players performing under an African sun”.

⁷ Cf. texto original: “We have the country and the capacity to present the most memorable World Cup yet staged, and the first in Africa. South Africa is ready!”.

permanecem animados e entusiasmados” (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000, p. 6, tradução nossa).⁸ Mais uma vez, a questão do *apartheid* foi retomada. Evidentemente, a intenção era reforçar a ideia de que a África do Sul tinha um comprovado histórico de superação de grandes desafios como a sua própria natureza (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000).

Ainda de acordo com o relato do coordenador, desde 1994 o otimismo passou a ser visto como uma característica da nação, apesar de muitas vezes os sul-africanos serem tratados como ingênuos por esse tipo de comportamento. Khoza preferia enxergar de outra forma: “[...] este é um país que pergunta ‘Por que não?’ ao invés de ‘Por quê?’” (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000, p. 6, tradução nossa).⁹ Com efeito, ele concluiu que o apoio à candidatura para a Copa do Mundo de 2010 deu-se quase sem discordância, posto que o futebol, o jogo do povo, uniria a nação (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000).

Ao tratar do *Comitê Executivo da FIFA* e da “política de rotação dos continentes”, Khoza afirmou que “[...] estes 24 cavalheiros memoráveis viraram a maré da história do esporte moderno” (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000, p. 6, tradução nossa).¹⁰ Desse modo, adotando um tom profundamente emotivo em seu discurso, o coordenador local profetizou que milhões de pessoas, do Cairo ao Cabo, jamais esqueceriam tamanha expressão de fé e confiança. E acrescentou que se tratava de um dever dos sul-africanos trabalharem arduamente para apresentarem uma “[...] resposta sólida, persuasiva e credível, digna da visão histórica da FIFA” (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000, p. 6, tradução nossa).¹¹

Na sequência da sua propaganda/defesa em torno da candidatura sul-africana, o coordenador local expôs as dimensões mais fortes que comprovavam verdadeiramente a preparação do país, isto é, a essência da campanha. A mesma estava baseada nos seguintes valores: problemas administrativos ausentes, financeiramente forte e emocionalmente alegre. E ainda elencou o tripé

⁸ Cf. texto original: “Where the popular mood in many other countries around the globe often leans towards apathy and cynicism, South Africans remain excited and enthused”.

⁹ Cf. texto original: “[...] this is a country that asks ‘Why not?’ rather than ‘Why?’”.

¹⁰ Cf. texto original: “[...] these 24 gentlemen memorable turned the tide of modern sporting history”.

¹¹ Cf. texto original: “[...] as a solid, persuasive and credible response worthy of FIFA’s historic vision”.

fundamental que a candidatura possuía: maturidade comercial, infraestrutura física e habilidades humanas (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000).

Enfim, a convicção nesses pontos era a esperança dos sul-africanos para que o *Comitê Executivo da FIFA* e a família do futebol em geral acreditassem no projeto e confiassem que o Mundial estaria em boas mãos. Ademais, o país já havia sediado com sucesso outros grandes eventos internacionais, como uma democracia unida. Assim, “os triunfos esportivos no rúgbi, e em outras modalidades, contribuíram para que a Nação ‘Arco-Íris’ se transformasse em um Estado mais turístico e capaz de financiar suas palmas no esporte através do seu crescimento concomitante” (CASTILHO; MARCHI JÚNIOR, 2019, p. 18).

Para finalizar a carta de apresentação do *Comitê Organizador Local*, Khoza fez um apelo e uma promessa. Quanto ao primeiro, pediu que houvesse um reconhecimento dos esforços outrora realizados pelos sul-africanos, nos seus mais variados aspectos: políticos, econômicos, sociais, culturais e esportivos. Depois, garantiu que a FIFA e a Copa do Mundo sentir-se-iam orgulhosos após a realização do megaevento (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000).

O diretor executivo da candidatura para o Mundial de 2010 e secretário-geral da SAFA, Danny Jordaan, também registrou as suas expectativas com relação à “hora da África” (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000, p. 8, tradução nossa).¹² Primeiramente, salientou a sua própria liderança e gerenciamento da campanha derrotada em torno da Copa de 2006, na altura em que a equipe de avaliação da FIFA já demonstrara que a África do Sul estava pronta para sediar o evento. E nessa nova oportunidade, mais do que nunca ele acreditava que os sul-africanos apresentavam fortes argumentos em várias frentes para serem premiados com a realização do torneio (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000).

Dentre tantos predicados do *Comitê Sul-africano*, Jordaan destacou: i) o sucesso com as experiências anteriores na organização das Copas do Mundo de rúgbi e críquete; ii) a infraestrutura esportiva pré-existente, vista como inigualável dentro do continente africano, necessitando apenas de pequenos investimentos

¹² Cf. texto original: “*Africa’s Time*”.

para suprir as exigências da FIFA; iii) uma proposta substancialmente financiada por empresas multinacionais e dotada de negócios estabelecidos internacionalmente (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000).

Novamente, ressaltou-se que todo o povo sul-africano estava unido em apoio à candidatura, tendo em vista o forte desejo nacional de ser evidenciado no cenário global. Interessante também observar o cuidado em oferecer as garantias financeiras do megaevento, ilustrado na seguinte afirmação: “[...] a família FIFA encontrará um ambiente comercial seguro para seus investimentos” (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000, p. 8, tradução nossa).¹³ Em outras palavras, Danny Jordaan assegurou precisamente emoção (simbólico) e lucratividade (econômico) à entidade máxima do futebol mundial, tal qual atestado por Arlei Damo (2009).

Na medida em que o esporte havia sido considerado uma força importante na superação da problemática história sul-africana, o diretor acreditava que a Copa de 2010 poderia enviar uma mensagem de unidade ao mundo inteiro. Então, Jordaan finalizou afirmando que o megaevento traria esperança a uma jovem democracia, bem como seria um presente ao povo, ao continente africano e a todos que lutavam pela paz mundial (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000).

O último pronunciamento registrado na propaganda do *Comitê de Candidatura* foi o do presidente da República da África do Sul, Thabo Mbeki. Ex-vice-presidente do país e considerado um sucessor natural de Nelson Mandela, Mbeki governou por quase dez anos (1999-2008). Filiado desde jovem ao *Congresso Nacional Africano* (ANC), a principal sigla do país à época da sua eleição havia sido a grande defensora dos direitos da população negra antes e depois do *apartheid*.

No seu mandato como presidente, Mbeki adotou claramente uma política externa *pan-africanista*¹⁴ e multilateralista em favor dos países emergentes, haja

¹³ Cf. texto original: “[...] *the FIFA family will find a secure comercial environment for their investments in the event*”.

¹⁴ Em linhas gerais, podemos dizer que o *pan-africanismo* originalmente se configurava em uma doutrina que reivindicava a unidade política, social e filosófica de todos os povos do continente, a fim de obter o pleno reconhecimento no cenário internacional. O movimento surgiu durante os processos de independência da segunda metade do século XX, mas desde cedo esbarrou em vários obstáculos devido a questões étnicas, econômicas e culturais. Em 1963 foi criada a *Organização da*

visto sua reivindicação por reformas dentro da *Organização das Nações Unidas* (ONU), juntamente com Brasil e Índia. Thabo Mbeki renunciou em 2008 por falta de apoio político dentro do seu próprio partido, visto que a ala mais radical o acusava de uma política econômica neoliberal.

No *Livro de Candidatura Sul-africano*, Mbeki fez um elogio à estabilidade democrática do país, condição fundamental para ser possível apresentar uma proposta de torneio seguro. Em seguida, sentenciou a vitória e a sua repercussão futura: “Queremos garantir que, um dia, os historiadores reflitam sobre a Copa do Mundo de 2010 como um momento em que a África se ergueu e virou a maré de séculos de pobreza e conflito. Queremos mostrar que chegou a hora da África” (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000, p. 10, tradução nossa).¹⁵

Finalizamos com os dados e a repercussão midiática de uma pesquisa de interesse encomendada pela FIFA e divulgada às vésperas da realização da Copa do Mundo na África do Sul, à qual tivemos acesso no site da entidade (FIFA, 2010). Entre 2008 e 2010 foram feitas entrevistas pela *Sport+Markt*, parceira da FIFA em sondagens desse tipo, num universo de 15 mil pessoas em 15 países (aproximadamente mil pessoas em cada). (UOL ESPORTE, 2010). De acordo com a empresa responsável, o trabalho de campo escolheu aleatoriamente os entrevistados em relação ao gênero, raça, idade e tamanho das cidades (FIFA, 2010).

No cômputo geral, a Copa do Mundo de 2010 despertava a atenção de 82% dos sul-africanos, que a consideravam uma celebração da paz e um fator unificador da nação (FIFA, 2010). O país, inclusive, ultrapassou o Brasil à época e tornou-se o local onde havia o maior entusiasmo pelo referido esporte. Comparado ao rúgbi e ao críquete, o futebol era mais popular entre os negros (cerca de 80% da população total), enquanto os brancos de origem africana acompanhavam sobretudo a primeira modalidade, e os brancos de origem britânica a segunda. Nota-se que a diferença de atração dos sul-africanos por esses três esportes

Unidade Africana, ainda bem distante da realidade de todo o continente. Com o passar dos anos, o *pan-africanismo* tornou-se um movimento defendido mais pelos descendentes de africanos escravizados espalhados pelo mundo (diáspora) do que dentro da própria África.

¹⁵ Cf. texto original: “We want to ensure that, one day, historians will reflect upon the 2010 World Cup as a moment when Africa stood tall and turned the tide on centuries of poverty and conflict. We want to show that Africa’s time has come”.

nacionais modificou sensivelmente após o processo de democratização, ocorrido nos anos 1990 (GAZETA DO POVO, 2009).

Outros números interessantes foram levantados pela sondagem, especificamente com relação aos sentimentos dos sul-africanos em acolherem o Mundial de 2010. Mais de 90% dos entrevistados diziam-se orgulhosos desse acontecimento e esperavam ansiosamente pelo torneio. Eles acreditavam que a FIFA havia concedido uma oportunidade única para que o país aumentasse a sua autoestima, expusesse as suas habilidades e mostrasse ao mundo que era capaz de organizar um megaevento de sucesso. Assim, dentre as principais vantagens citadas, salientou-se o incremento turístico e da infraestrutura urbana, bem como a melhoria da imagem do país no exterior (FIFA, 2010).

Contudo, à medida em que a Copa ia se aproximando, as pessoas foram mostrando-se menos confiantes quanto aos benefícios a longo prazo. Por exemplo, em 2008, 92% dos entrevistados acreditavam que o Mundial impulsionaria a economia e criaria novos empregos, mas esse número caiu para 75% em 2010. Talvez já fosse um reflexo da decepção gerada pelas promessas não cumpridas. Por outro lado, se em 2008 havia um temor de 77% das pessoas de que o megaevento resultaria em inflação para os sul-africanos, o mesmo não se verificou em 2010, quando apenas 48% reclamaram dessa questão. Ademais, o aumento na criminalidade e problemas de congestionamentos durante os jogos não preocupava a maioria da população (FIFA, 2010).

Enfim, grande parte dos elementos expostos pela pesquisa corroboraram as falas dos organizadores locais vistas nesta seção e evidenciaram a intenção da FIFA em propagandear a Copa do Mundo para novos mercados. Porém, o simples fato de ter organizado o Mundial não permitiu à África do Sul uma alteração social tão radical, ou mesmo uma nova posição dentro da geopolítica mundial.

Brasil 2014

Após desbravarmos os bastidores da inédita realização do Mundial na África, passaremos a discutir agora o processo de candidatura do Brasil, que pleiteava receber a sua segunda Copa do Mundo na história (a primeira vez deu-se

em 1950). A pedido da *Confederação Sul-americana de Futebol* (CONMEBOL) e seguindo o princípio do rodízio entre os continentes, a FIFA indicou, em março de 2003, que a edição de 2014 deveria ser hospedada na América do Sul.

Inicialmente, Brasil e Colômbia sinalizaram interesse na candidatura, em dezembro de 2006. Porém, após a desistência deste último, sem ao menos apresentar uma proposta oficial e alegando dificuldades financeiras, o caminho ficou livre para o “país do futebol”. Ainda assim, foi necessária a aceitação de 11 *Garantias Governamentais* (BRASIL, 2007),¹⁶ cumprindo todos os requisitos protocolares exigidos pelo *Comitê Executivo da FIFA*.

Nesse documento, encontramos uma interessante carta do presidente Luiz Inácio Lula da Silva endereçada diretamente ao presidente da FIFA, Joseph Sepp Blatter, datada de 29 de junho de 2007. Após ter atuado como sindicalista no combate à ditadura civil-militar no Brasil, Lula tornou-se uma forte liderança do *Partido dos Trabalhadores* (PT), que viria a ser a maior sigla de esquerda da América Latina. O ex-metalúrgico governou o Brasil entre 2003 e 2010, numa época marcada pelo *boom* das *commodities* no setor agropecuário (aproximação com a China e os demais emergentes) e pela adoção de políticas de inclusão social e redistribuição de renda.

Na carta, o petista inicialmente mobilizou um discurso simbólico sobre o futebol brasileiro e a sua identificação pessoal com o esporte: “Cinco vezes campeões do mundo, somos uma Nação que tem profunda identidade com o futebol – nossa maior paixão. Falo até por experiência própria: há décadas, desde a minha adolescência, sou um frequentador de estádios e um torcedor apaixonado” (BRASIL, 2007, p. 2). Na sequência, o presidente da República enalteceu a tradicional hospitalidade brasileira: “Somos um país marcado pela tolerância de raças, de credos, um país marcado pela convivência pacífica e da diversidade em todos os campos. Queremos inspirar o mundo com uma mensagem de paz” (BRASIL, 2007, p. 3).

¹⁶ As *Garantias Governamentais* eram as seguintes: i) Vistos de entrada e saída; ii) Vistos de trabalho; iii) Direitos e impostos aduaneiros; iv) Isenção fiscal geral; v) Proteção e segurança; vi) Câmbio estrangeiro e bancário; vii) Imigração, alfândega e procedimentos de *check-in*; viii) Proteção e exploração dos direitos comerciais; ix) Hinos e bandeiras nacionais; x) Indenização; xi) Telecomunicações, tecnologia de informação.

Para além dessa dimensão simbólica, Lula garantiu que o país estava preparado para receber o Mundial de 2014. Ele enfocou a questão da sustentabilidade como um dos pilares mais importantes da candidatura e aproveitou para fazer um convite especial às empresas do mundo inteiro. Graças a uma democracia consolidada e a uma economia em ascensão, o mandatário dizia que era a melhor oportunidade para se investir no Brasil. Por fim, Lula confirmou que a assinatura das *Garantias Governamentais* representava a disposição de todos os envolvidos cumprirem as exigências necessárias (poderes públicos, iniciativa privada e sociedade civil). (BRASIL, 2007)

Logo, em junho de 2007, o *Livro de Candidatura da Copa do Mundo FIFA Brasil 2014* foi entregue à FIFA. Um ponto importante a ser mencionado diz respeito à não publicização desse documento¹⁷, nem antes nem após o resultado da escolha, diferentemente do livro que tivemos acesso sobre a África do Sul e que já analisamos. Procuramos pessoalmente nos arquivos da FIFA, no site da *Confederação Brasileira de Futebol* (CBF) e fizemos contato com outros órgãos governamentais que receberam uma cópia do texto, mas em todos os casos não obtivemos êxito. Tal fato revela um caráter suspeito de confidencialidade entre as partes envolvidas, quais sejam o *Comitê de Candidatura Brasileiro* e a FIFA.

Então, para entendermos a proposta do Brasil, tivemos que procurar outros tipos de documentos. Voltamo-nos ao *Candidatura Brasil: Relatório de Inspeção da Copa do Mundo FIFA 2014* (FIFA, 2007), que basicamente serviu como subsídio para o *Comitê Executivo* tomar a sua decisão final. Grosso modo, foram realçadas inicialmente algumas informações geográficas, políticas, econômicas e culturais sobre o Brasil, quais sejam: i) 5º maior e mais populoso país do mundo; ii) litorais e fronteiras extensos, topografia e clima variados; iii) sistema de governo democrático, republicano, federativo e presidencialista; iv) maior PIB da América Latina, com destaque para o setor agropecuário, e a 9ª maior economia do mundo em paridade de poder de compra (FIFA, 2007).

Além disso, o “futebol-samba” foi exaltado pela sua originalidade, visto que “os brasileiros são mestres da técnica, porém o mais importante é que amam o

¹⁷ Vale a pena observar que outros pesquisadores também já haviam enfrentado a mesma dificuldade de acesso ao *Livro de Candidatura Brasileiro*. (REIS, 2017).

jogo” (FIFA, 2007, p. 16, tradução nossa),¹⁸ sendo a torcida e a *Seleção* canarinho patrimônios da nação. De acordo com Joseph Nye (2012), atualmente o Brasil possui duas referências fundamentais de *soft power* na esfera internacional: “a cultura popular do carnaval e do futebol” (NYE, 2012, p. 24). Por conseguinte, a candidatura brasileira destacou sobremaneira esse aspecto da tradição futebolística: o único país a participar de todas as Copas do Mundo e o maior vencedor do torneio, sem contar os inúmeros títulos da *Seleção* e dos clubes em outras competições.

Apontou-se, também, o histórico brasileiro em sediar megaeventos internacionais, esportivos ou não, ainda que as exigências de um Mundial da FIFA fossem de maior magnitude e complexidade. Quanto à organização do certame de 2014 propriamente dito, vimos a carta do presidente do *Grupo de Inspeção* da FIFA, Hugo Salcedo, endereçada a Joseph Blatter e a seu *Comitê Executivo*. Em linhas gerais, o texto ressaltava a confiança depositada pela FIFA no grupo, o trabalho realizado junto aos seus colegas e a acolhida recebida dos brasileiros. O *Relatório* apresentado foi auto elogiado pelo seu equilíbrio, confiabilidade e abrangência de informações (FIFA, 2007).

Salcedo descreveu detalhadamente na carta os passos percorridos por sua equipe, desde a revisão da documentação do *Livro de Candidatura* (conferência do cumprimento dos requisitos básicos) até a ida ao local para confirmar se o que estava escrito no papel era realmente factível. Em termos de prazos, já dissemos que o *Livro* foi entregue pelo *Comitê Brasileiro* em julho, a visita de inspeção da FIFA ocorreu entre agosto e setembro e o *Relatório* foi publicado em outubro de 2007 (FIFA, 2007).

No Brasil, os membros da equipe de Salcedo foram levados pela cúpula da *Confederação Brasileira de Futebol* a cinco capitais de estados extraoficialmente garantidos como anfitriões, sendo recebidos pelos respectivos governadores e prefeitos: Belo Horizonte, Brasília (capital federal, onde reuniram-se também com o presidente Lula e seus ministros), Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo. Não obstante, houve um encontro no Rio de Janeiro (sede da CBF e “capital esportiva”

¹⁸ Cf. texto original: “*The Brazilians are masters of technique, but most importantly, they love the game*”.

do país) com representantes das outras 13 potenciais cidades-sede, no qual aconteceram apresentações “[...] profissionais e apaixonadas” (FIFA, 2007, p. 4, tradução nossa)¹⁹ dos projetos de estádios, segundo comentários do relator.

A partir dessa narrativa acerca da visita de inspeção, é interessante observar o momento político-econômico vivido pelo Brasil à época. Para além do fato de o presidente Luiz Inácio Lula da Silva ter sido lembrado como “[...] um apaixonado por futebol” (FIFA, 2007, p. 8, tradução nossa),²⁰ salientou-se o forte engajamento em todos os níveis de governo (comprometimento total), somado ao apoio do público em geral (enormemente entusiasmo) e a um impressionante interesse da mídia na cobertura da viagem (FIFA, 2007).

No tocante à opinião da população brasileira sobre a realização da Copa do Mundo de 2014, não encontramos propriamente uma sondagem de interesse patrocinada pela FIFA, à semelhança da África do Sul. Assim, valemo-nos dos dados obtidos por uma das instituições de pesquisa mais respeitadas no país, o *Datafolha Instituto de Pesquisas*, que realizou uma série de entrevistas espontâneas entre 2008 e 2014 (DATAFOLHA, 2014). Aqui, o tal “enorme entusiasmo” do público propagado pelo *Relatório de Inspeção* não se verificou ao longo do tempo.

Em cada uma das fases da pesquisa, o *Datafolha* ouviu cerca de quatro mil pessoas, de diferentes cidades do país e pertencentes a variados estratos sociais. De acordo com o estudo, a taxa de apoio à realização do Mundial de 2014 estava em 79% no ano de 2008, caiu para 65% em 2013 e atingiu o patamar de 51% na semana que antecedeu a abertura do torneio. A maioria dos que concordavam com o megaevento eram homens, moradores das regiões Norte e Nordeste, provenientes de cidades com até 50 mil habitantes e que avaliavam positivamente o governo Dilma Rousseff (DATAFOLHA, 2014).

Ex-ministra de Lula, a petista governou o Brasil entre 2011 e 2016, porém sem a mesma habilidade política do seu antecessor e atrapalhada por problemas econômicos internos e externos. Ademais, as críticas da opinião pública aos gastos com a realização dos megaeventos esportivos motivaram protestos populares contra Dilma, que foi afastada do cargo após um longo e conturbado processo de

¹⁹ Cf. texto original: “[...] *professional and passionate*”.

²⁰ Cf. texto original: “[...] *is a passionate football fan*”.

impeachment.

Portanto, é evidente que a rejeição à Copa do Mundo cresceu com o passar dos anos, enquanto o índice dos indiferentes manteve-se praticamente estável. Dentre o perfil dos opositores, destacavam-se os domiciliados em municípios da rica região Sudeste do país com mais de meio milhão de habitantes, escolarizados, com renda familiar alta e simpatizantes do maior adversário político de Dilma Rousseff em 2014: Aécio Neves (DATAFOLHA, 2014).

Aécio Neves, neto de Tancredo Neves (ex-presidente eleito do Brasil), pertence a uma família tradicional na política de Minas Gerais e era o candidato à presidência da República representando a centro-direita. Sua legenda, o *Partido da Social Democracia Brasileira* (PSDB), pode ser considerado um rival histórico do PT desde a redemocratização brasileira. Logo, não havia nenhuma surpresa no fato de que esses cidadãos avaliassem o governo Dilma como ruim ou péssimo e manifestassem o seu desinteresse pela Copa, posto que as eleições presidenciais no Brasil acontecem logo após o torneio (DATAFOLHA, 2014).

Entretanto, em que pese essas questões políticas, é fato que a Copa do Mundo de 2014 ainda despertava um grande interesse entre os brasileiros, evidenciado na proporção de seis a cada dez pessoas. Porém, vale ressaltar que, no comparativo histórico com outros Mundiais recentes, 2002 (75%), 2006 (88%) e 2010 (79%), a taxa de 2014 era a mais baixa (DATAFOLHA, 2014). Essa tendência de diminuição da importância do futebol para a outrora “pátria de chuteiras” é um fenômeno social complexo, que necessita de maiores estudos por parte dos historiadores do esporte, tal como ensaiaram Ronaldo Helal e Antônio Soares (2003).

Quanto ao futebol do selecionado de 2014 propriamente dito, 84% dos entrevistados declararam torcida pelo time do elogiado Luiz Felipe Scolari, o técnico mais bem avaliado dentre todos os nomes da série histórica. Destarte que 69% das pessoas admitiu orgulhar-se da *Seleção* canarinho, apontando-a como favorita ao título (DATAFOLHA, 2014). Salientamos que os dados dessa pesquisa foram colhidos antes da derrota brasileira na semifinal para a Alemanha pelo fatídico placar de 7 a 1, fato que certamente provocou mudanças profundas de mentalidade nos torcedores e veículos de imprensa.

É curioso notar, também, que a maioria das pessoas demonstrou um certo constrangimento em relação às manifestações de 2013. Isso porque, ao questionarem o *padrão FIFA*, os protestos ameaçaram seriamente a realização do Mundial de 2014. Em síntese, quanto à capacidade de o Brasil organizar uma Copa do Mundo, os números dos que sentiam orgulho (45%) e vergonha (42%) praticamente se equivaliam. Em média, no que concerne ao provável legado, 36% dos entrevistados enxergaram que haveria mais benefícios do que prejuízos, 54% acreditavam no oposto e 10% mostraram-se indecisos (DATAFOLHA, 2014).

Ainda no tocante às manifestações de 2013, Marco Bettine (2020) apontou que os jornais estrangeiros demonstraram uma certa desconfiança sobre a capacidade de o Brasil realizar o Mundial de 2014. Outrossim, a própria maneira de pensar o futebol alterou-se substancialmente após as críticas direcionadas ao *padrão FIFA*. Ou seja, a memória afetiva e simbólica do torcedor brasileiro em tempos de Copa do Mundo já não possui a mesma áurea de outrora (BETTINE, 2020).

Por sua vez, o *Relatório de Inspeção* afirmava que o crescente desenvolvimento brasileiro seria ainda mais aprimorado com a recepção do Mundial de 2014. Ou seja, “[...] o investimento financeiro proposto na infraestrutura do país não só beneficiará a população como um todo, mas também deixará aos futebolistas e torcedores brasileiros um grande patrimônio esportivo e cultural” (FIFA, 2007, p. 4-5, tradução nossa).²¹ A título de exemplo, foram lembradas as futuras melhorias nos sistemas de transporte, comunicação, segurança, serviços, instalações públicas e esportivas etc.

Na visão do inspetor Hugo Salcedo, portanto, a visita não deixava dúvidas quanto à capacidade de o Brasil cumprir as garantias do livro de licitações, contanto que o *Comitê Organizador Local* trabalhasse em estreita colaboração com a FIFA desde a data da decisão até o apito final. Na prática, isso significou uma fiscalização constante da entidade máxima do futebol sobre todos os assuntos organizacionais, tanto centralmente quanto em cada uma das cidades-sede.

²¹ Cf. texto original: “[...] *the proposed financial investment in the country's infrastructure will not only benefit the population as a whole, but will also leave Brazil's footballers and football fans alike with an indelible monument to the country's great sporting and cultural heritage*”.

Rússia 2018

Tamanha ingerência dos dirigentes-FIFA foi bastante criticada antes, durante e após a Copa do Mundo de 2014, acentuando-se com a descoberta dos escândalos de corrupção dentro da associação, alardeados pela mídia em 2015. Vale a pena ressaltar que a partir desse episódio os *bids* passaram a se tornar públicos. Isso demonstrou a necessidade de a instituição divulgar uma certa imagem de transparência, sobretudo com relação ao pleito envolvendo os Mundiais de 2018-2022, considerado um dos principais motivos para o afastamento de Joseph Blatter e sua cúpula.

A respeito do que foi dito acima, notamos que dessa vez não houve uma preocupação em respeitar o rodízio dos continentes, tendo em vista que países de várias localidades apresentaram suas propostas de candidatura. Outra mudança observada na comparação com as escolhas anteriores deu-se em relação a uma votação conjugada, isto é, foram selecionados simultaneamente os países-sede das Copas do Mundo de 2018 e 2022. Para o Mundial de 2018 havia quatro candidaturas (duas individuais e duas conjuntas): Inglaterra; **Rússia**; Bélgica e Holanda; Portugal e Espanha. Já a Copa de 2022 contou com cinco postulantes únicos: Austrália; **Catar**; Coreia do Sul; Estados Unidos; Japão.²²

Partindo-se desses pressupostos, a Rússia enviou em 2010 o seu manual de candidatura intitulado *Pronta para inspirar, representando o futuro da Rússia: Candidatura da Nação Russa 2018/2022* (BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010) sobre o qual discutiremos a seguir. Inicialmente, foram elencadas as principais características geográficas do país. A respeito da paisagem vasta e dinâmica, exaltaram-se os picos nevados das montanhas, os desertos e pastagens das estepes, as costas subtropicais banhadas pelo sol, o oceano Ártico congelado, o rio mais longo da Europa e o lago mais profundo da Terra (BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010).

Esse apreço pelo meio ambiente foi decisivo nos rumos tomados pelo *Comitê Local*, ao apostarem em uma Copa do Mundo que deixasse um legado

²² Vale a pena ressaltar que os países grifados foram os vencedores nas respectivas disputas.

ecologicamente sustentável. O maior país do globo manifestou um compromisso igualmente proporcional em termos de preservação da natureza, apresentando-se como um modelo para os megaeventos esportivos subsequentes.

Logo, “em cada cidade-sede, a Rússia implementou fortes programas de gestão da água, redução de gases de efeito estufa, gestão de resíduos, construção, conservação de energia, qualidade do ar e conservação ambiental” (BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010, p. 21, tradução nossa).²³ Dentre as principais promessas ambientais anunciadas pelo grupo de candidatura russo, chamou a nossa atenção a intenção de adotar padrões de construções verdes e zerar o impacto na biodiversidade.

Denominadas pelos membros do *Comitê* de “as joias da Rússia” (BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010, p. 3, tradução nossa),²⁴ as cinco diferentes regiões forneceriam a bagagem de uma vida aos visitantes, ao passo que cada localidade revelaria inspiradoras atmosferas geográficas e culturais. A parte Central é vista como a capital das artes, cultura e esportes; o Norte possui uma rica história, arquitetura e portos importantes; as cidades do Volga localizam-se às margens de maravilhas naturais; a parte subtropical ao Sul é a porta de entrada entre o leste e o oeste; e os Urais ficam no coração do país e destacam-se pelo seu cosmopolitismo (BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010).

Com relação à população, apesar da Federação Russa ser “[...] uma grande tapeçaria” (BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010, p. 2, tradução nossa)²⁵ composta por diversos povos e etnias (mais de 140 grupos étnicos e indígenas), bem como costumes e línguas (ultrapassam 100 dialetos), procurou-se ressaltar a unidade. Ou seja, as tradições que os russos têm em comum seriam a calorosa hospitalidade e a paixão pelo futebol (cerca de seis milhões de praticantes). (BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010).

Nas palavras do *Comitê de Candidatura*, o jogo seria uma espécie de língua comum do país: “Na Rússia é o futebol que une nossas diversas culturas. Nossa

²³ Cf. texto original: “*In each host city, Russia has implemented strong programmes for water management, greenhouse gas reduction, waste management, construction, energy conservation, air quality, and environmental conservation*”.

²⁴ Cf. texto original: “*The jewels of Russia*”.

²⁵ Cf. texto original: “[...] *a great tapestry*”.

paixão pelo esporte é universal. Nossa dedicação ao seu crescimento é insuperável” (BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010, p. 19, tradução nossa).²⁶ Por isso, o *Comitê Local* prometeu oferecer à FIFA e à família do futebol mundial um torneio como nenhum outro antes. Em suma, o país mais extenso do mundo queria mostrar as suas riquezas naturais e culturais, bem como a hospitalidade do seu povo (BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010).

Contudo, o esporte mais popular do país era o hóquei no gelo e a realidade do futebol não era bem aquela. Cerca de 60% das pessoas não se interessavam pelo jogo, 19% acompanhavam apenas as notícias dos campeonatos europeus mais importantes e somente 7% se declararam torcedores fiéis, acostumados a vibrar por seus times nos estádios. Esse levantamento foi feito pela empresa *Superjob*, a maior na oferta de empregos do país, durante o Mundial de 2018. Através da aplicação de questionários online em seu site e aplicativo foram ouvidas 2.500 pessoas de diversos estratos da sociedade (região, idade, sexo e renda). (FOLHA DE S. PAULO, 2018).

Parte desse descrédito em relação ao futebol pode ser explicado devido às fracas campanhas russas em Copas e ao baixo nível técnico de seu campeonato. Não obstante, a possibilidade de sediar o Mundial pela primeira vez acendia a esperança de que esse cenário pudesse ser modificado. Isso porque a ideia de fomentar o jogo em seu território trata-se de um dos principais argumentos usados por quase todos os países nas suas candidaturas. É óbvio que a FIFA incentiva esse tipo de postura dos organizadores locais, visto que a entidade deseja espalhar cada vez mais a sua influência pelo “planeta bola”. No entanto, parece que tal estratégia não deu muito certo para o caso da Rússia.

Interessante observar que a realização da Copa do Mundo não mudou a indiferença da população local com relação ao futebol. Isso porque 76% dos desinteressados afirmaram que o acolhimento do megaevento não alterou a sua percepção sobre o esporte. Outros 19% até concordaram que a realização do torneio em casa despertaria uma atenção momentânea (alguns se interessariam apenas em assistir às partidas da *Seleção Russa*) e 5% não responderam (FOLHA

²⁶ Cf. texto original: “*In Russia, it is football that unites our diverse cultures. Our passion for the sport is universal. Our dedication to its growth is unsurpassed*”.

DE S. PAULO, 2018). Ou seja, apesar de todos os esforços do *Comitê de Candidatura*, o futebol não conseguiu penetrar na mentalidade dos russos da mesma forma que vimos para os casos da África do Sul e do Brasil.

Quanto aos possíveis ganhos simbólicos mobilizados pela hospedagem da Copa do Mundo, 60% das pessoas ouvidas entendiam que a imagem do presidente Vladimir Putin permaneceria inalterada. O mesmo percentual de entrevistados (17%) respondeu que o Mundial poderia ser “algo negativo” ou “algo positivo” para o governante. E essa dificuldade de catalisação política já era vista na propaganda de candidatura russa, ainda que o torneio tenha sido apelidado de “Copa do Putin” pela imprensa internacional (FOLHA DE S. PAULO, 2018).

Em termos comparativos, enquanto o documento sul-africano continha discursos inflamados das autoridades locais e a comitiva brasileira promoveu um verdadeiro carnaval em Zurique, o *Livro de Candidatura Russo* separou apenas um pequeno trecho para tratar do assunto. No plano principal, vê-se uma fotografia de Joseph Blatter cumprimentando calorosamente Vladimir Putin. Ao lado, sob o significativo título “Unânime e inabalável” (BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010, p. 27, tradução nossa),²⁷ lê-se o seguinte: “A candidatura da Rússia para sediar a Copa do Mundo da FIFA tem total apoio de todos os níveis de governo e de todos os partidos políticos” (BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010, p. 27, tradução nossa).²⁸

Logo abaixo, o texto continuava dizendo que todas as garantias foram assinadas e as exigências da FIFA encontravam respaldo em “[...] um governo estável com eleições livres, regime democrático, e direitos e liberdades constitucionalmente protegidos” (BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010, p. 27, tradução nossa).²⁹ No entanto, é sabido que o presidente Putin costuma agir por meios espúrios a fim de fazer valer as suas intenções, o que talvez tenha influenciado na sua exposição inicial mais modesta.

Vladimir Vladimirovitch Putin, ex-agente do serviço secreto soviético, vem

²⁷ Cf. texto original: “*Unanimous and unwavering*”.

²⁸ Cf. texto original: “*Russia’s bid to host the FIFA World Cup has total support from all levels of government and all political parties*”.

²⁹ Cf. texto original: “[...] *a stable government with free elections, democratic rule, and constitutionally protected rights and freedoms*”.

exercendo a governança na Rússia desde a renúncia de Boris Iéltsin, em 1999, seja como presidente ou primeiro-ministro. Dentre as suas principais contribuições ao longo desse período destacam-se o retorno da estabilidade política, através do resgate do nacionalismo, e um progresso econômico com forte interferência estatal. Apesar de gozar de certa popularidade interna, o autoritarismo, o militarismo e a censura promovidos por Putin tem provocado movimentos de oposição e constantes conflitos, gerando grande preocupação da comunidade internacional.

À guisa de conclusão, o *Livro de Candidatura Russo* optou por exaltar a capacidade da nação em elaborar planejamentos e segui-los eficientemente. De maneira geral, o futebol foi visto como um impulsionador da saúde, do progresso social, da compreensão multicultural, do alcance global e da paz. Em síntese, a ideia de investir no esporte para o futuro consistia ainda no apoio à participação de mulheres e crianças e na construção de novas e modernas instalações (BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010).

Dentre as principais medidas para o Mundial, foram propostos quatro agrupamentos locais, 13 cidades-sede e 16 estádios de futebol. Tudo isso, na visão dos organizadores, tornaria a Copa do Mundo atraente aos cerca de 80% dos russos que viviam nas proximidades, como também globalmente acessível aos mais de 18 países vizinhos e espectadores do futebol espalhados pelo mundo inteiro. Por se auto intitular o ponto de encontro entre o Leste e o Oeste, foi propagandeado que sediar o evento pela primeira vez atrairia uma atenção sem precedentes ao jogo, alcançando novos adeptos sobretudo entre os jovens da Ásia (BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010).

Finalmente, enfatizou-se a experiência do país em acolher esportes internacionais (mais de 100 competições nos últimos 25 anos) de forma pacífica e bem-sucedida. A título de exemplo, ressaltou-se a organização do Campeonato Mundial de Atletismo em Moscou e da Universíada de Verão em Kazan, ambos no ano de 2013, bem como as Olimpíadas de Inverno em Sóchi, no ano de 2014. As forças de segurança modernas e profissionais foram lembradas como essenciais nesses eventos, e curiosamente tratadas como apaixonadas, orgulhosas e hospitaleiras com os visitantes (BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010).

Balanço comparativo final

Quanto às candidaturas, vimos que foram mobilizadas diferentes estratégias discursivas a fim de propagandear a nação. Recuperaram-se aspectos importantes do passado, exaltaram-se os feitos do presente e prometeu-se um futuro moderno e responsável. Entendemos que a campanha sul-africana se mostrou a mais agressiva e apelativa em termos simbólicos e emocionais. Isso porque era preciso vencer uma forte concorrência com outros países do continente e provar que somente uma nação estava bem preparada para receber a inédita “Copa da África”.

No *bid* sul-africano foram apresentadas as principais razões para o país receber o torneio naquele contexto, destacando-se os aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais. Vale a pena dizer que a nossa análise foi ao encontro do que Marco Bettine (2020) demonstrou em sua pesquisa, isto é, “a superação do *apartheid* e a representação do pan-africanismo deram o tom dos discursos dos dirigentes sul-africanos nas reportagens dos veículos internacionais – eram essas as demandas do país” (BETTINE, 2020).

Enquanto isso, o Brasil foi o proponente único em 2014, curiosamente tal qual a primeira vez em que recebeu o Mundial, no ano de 1950. Logo, era evidente nos bastidores que a proposta seria aprovada, apesar dos ajustes necessários. Para o caso da Rússia, notamos que a burocracia da licitação foi muito mais exigente do que as eleições anteriores. Não obstante, o *Comitê Local* superou as expectativas da FIFA, sobretudo no tocante ao sistema de transportes e à sustentabilidade das arenas. Especificamente quanto ao meio ambiente, por exemplo, observamos que nenhum documento sul-africano tratou diretamente do assunto. Por sua vez, essa foi uma pauta explorada de forma incipiente no Brasil e considerada crucial para os russos.

Interessante notar, então, os discursos simbólicos mobilizados nessa etapa. A título de exemplo, a África do Sul buscava ser a porta-voz do *pan-africanismo*, o Brasil visava expandir sua atuação política para além do continente sul-americano e a Rússia desejava retomar sua força internacional. Segundo Bettine (2020), o poder tornou-se altamente fluido após a queda do muro de Berlim, e o uso do *soft power* pode ser considerado uma espécie de propaganda das nações emergentes

para conseguirem alcançar seus objetivos locais, regionais ou globais (BETTINE, 2020).

Acreditamos, pois, que os resultados dessa pesquisa poderão contribuir para lançar luz sobre os megaeventos esportivos em geral, e particularmente para compreender as ações dos dirigentes-FIFA nas estratégias de cooptação dos agentes públicos e privados. Assim sendo, nossa intenção mais abrangente foi desvelar as lutas simbólicas, as tensões políticas e os acordos econômicos decorrentes das negociações com os variados atores sociais presentes na cena pública, tais como a mídia, a sociedade civil, os grupos políticos locais e as grandes empresas patrocinadoras dos Mundiais.

É em meio a esse recorte temporal bastante recente que realizamos um desafiador estudo transnacional das trocas econômicas e políticas dos megaeventos esportivos da FIFA. A história que escrevemos aqui constituiu-se num complexo processo de interação entre interpretações provisórias dos fatos do tempo presente. Obviamente muita coisa não pôde ser vista, o que não invalida este artigo; pelo contrário, acreditamos que estimulará a continuidade dos estudos a partir de novos olhares.

Esse provável “modelo BRICS de organização dos megaeventos esportivos” tornou-se dominante e está intimamente relacionado à dinâmica do capitalismo contemporâneo. Por essa razão, acreditamos que ainda exigirá outras investigações científicas de pesquisadores do esporte, a fim de elucidar melhor algumas questões que não pudemos explorar com tanta intensidade neste artigo.

A título de exemplo, precisamos entender e debater mais sobre a capacidade de os países responderem às pressões econômicas externas e ao mesmo tempo lidarem com as suas desigualdades sociais internas. Igualmente, a respeito da tensão existente entre a oportunidade de reforçar a sua identidade coletiva *versus* o risco de danificação da sua imagem internacional.

Em uma outra direção atual, “percebemos uma mudança de postura dos órgãos responsáveis pelos megaeventos uma vez que o número de candidatas a cidades-sede vem diminuindo e que os legados desses eventos veem sendo questionados por pesquisadores” (CASTILHO; MARCHI JÚNIOR, 2019, p. 25). Por conseguinte, seria interessante investigar quais os possíveis desdobramentos

desse movimento a curto, médio e longo prazo.

Referências bibliográficas

BARROS, José. **História Comparada**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BETTINE, Marco. A cooptação estratégica dos BRICS pela FIFA: análise da África do Sul, do Brasil e da Rússia. In: GIGLIO, Sérgio; PRONI, Marcelo (orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022. **Ready to inspire, representing the future of Russia**: Bidding Nation Russia 2018/2022. Moscou: BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010.

BRASIL. **Garantias Governamentais**. Brasília: Comitê de Candidatura do Brasil para a Copa do Mundo de 2014, 2007.

CARR, Edward. **Que é história?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTILHO, César; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Esporte, Geopolítica e Relações Internacionais. In: BETTINE, Marco; GUTIERREZ, Gustavo (orgs.). **Esporte e sociedade**: um olhar a partir da globalização. São Paulo: IEA-USP, 2019.

DAMO, Arlei. O simbólico e o econômico no futebol de espetáculo: as estratégias da FIFA para tornar as Copas lucrativas a partir de uma interpretação antropológica. **Razón y Palabra**, Quito, n. 69, p. 1-35, jul./ago. 2009.

DATAFOLHA. **51% dos brasileiros aprovam realização da Copa no Brasil**. São Paulo, 2014. Disponível em: <<https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2014/06/1467905-51-dos-brasileiros-aprovam-realizacao-da-copa-no-brasil.shtml>>. Acesso em: 23 fev. 2022.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FIFA. **Brazil Bid**: Inspection Report for the 2014 FIFA World Cup. Zurique: FIFA, 2007.

FIFA. **Minutes of 52nd Ordinary FIFA Congress**. Zurique: FIFA, 2000.

FIFA. **Pesquisa de interesse Sport+Markt**. Zurique: FIFA, 2010.

FOLHA DE S. PAULO. **Indiferença russa com o futebol segue a mesma apesar da Copa em casa**. São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/07/indiferenca-russa-com-o-futebol-segue-a-mesma-apesar-da-copa-em-casa.shtml>>. Acesso em: 23 fev. 2022.

GARCIA, Bruno. Tradição de exclusão. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 105, p. 16-30, jun. 2014.

GAZETA DO POVO. **Estudo da Fifa revela que futebol desperta interesse de 72% dos sul-africanos**. Curitiba, 2009. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/estudo-da-fifa-revela-que-futebol-desperta-interesse-de-72-dos-sul-africanos-bmrnxpyqyts76ohbacyex761a/>>. Acesso em: 23 fev. 2022.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio. O declínio da pátria de chuteiras: futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002. **Compós**, Recife, p. 1-19, 2003.

MARICATO, Erminia. Apresentação. In: SÁNCHEZ, Fernanda; BIENENSTEIN, Glauco; OLIVEIRA, Fabrício; NOVAIS, Pedro (orgs.). **A copa do mundo e as cidades**: políticas, projetos e resistências. Niterói: Editora da UFF, 2014.

MELO, Victor. Por uma história comparada do esporte: possibilidades,

potencialidades e limites. In: MELO, Victor (org.). **História comparada do esporte**. Rio de Janeiro: Shape, 2007.

MELO, Victor; DRUMOND, Maurício; FORTES, Rafael; SANTOS, João (orgs.). **Pesquisa histórica e história do esporte**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

NYE, Joseph. **O futuro do poder**. São Paulo: Benvirá, 2012.

NYE, Joseph. **Soft power**: the means to success in world politics. Nova Iorque: PublicAffairs, 2004.

REIS, Rômulo. **Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014: gestão e legados da candidatura ao pós-evento**. 2017. 320 f. Tese (Doutorado em Ciências do Exercício e do Esporte) - Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SEIGEL, Micol. Beyond Compare: Comparative Method after the Transnational Turn. **Radical History Review**, Durham, n. 91, p. 62-90, dez. 2005.

SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE. **Africa's stage**: South Africa's Bid to host the FIFA World Cup 2010. Joanesburgo: SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000.

UOL ESPORTE. **Pesquisa da Fifa vê sul-africanos e Brasil líderes em interesse por futebol**. São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://copadomundo.uol.com.br/2010/ultimas-noticias/2010/03/25/pesquisa-da-fifa-ve-sul-africanos-e-brasil-lideres-em-interesse-por-futebol.jhtm>>. Acesso em: 23 fev. 2022.

VANPLEW, Wray. História do esporte no cenário internacional: visão geral. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 34, p. 5-17, jan./jun. 2013.

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Cortez; Campinas:
Editora da Unicamp, 2016.

Recebido: 01/11/2022

Aprovado: 13/12/2023